

1

Udia em que minha vida mudou começou como qualquer outro. Era um dia quente de agosto, em 1864; o clima era tão sufocante que até as moscas pararam de voar ao redor do celeiro. Os filhos dos criados, que em geral brincavam e gritavam ao correr de uma tarefa a outra, faziam silêncio. O ar estava parado, como se contivesse uma tempestade havia muito esperada. Eu planejei passar a tarde cavalgando minha égua Mezzanotte pelo bosque fresco que margeava a propriedade Veritas, da minha família. Tendo comigo um livro, a minha intenção era simplesmente escapar.

Foi o que fiz quase todos os dias daquele verão. Eu tinha 17 anos e era inquieto, despreparado para partir à guerra como meu irmão ou aprender, com meu pai, a administrar a propriedade. Todas as tardes eu tinha a mesma esperança de que várias horas de solidão me ajudassem a entender quem eu era e o que gostaria de me tornar. Meu período no colégio para meninos terminara na primavera anterior e meu pai me fizera suspender minha matrícula na Universidade da Virgínia até que a guerra terminasse. Desde então, fiquei estranhamente preso entre as duas coisas. Eu não era mais um menino, nem era um homem, e estava completamente inseguro sobre o que fazer comigo mesmo.

O pior era que eu não tinha com quem conversar. Damon, meu irmão, estava no exército do general Groom em Atlanta, a maioria dos meus amigos estava prestes a noivar ou em batalhas distantes, e meu pai quase não saía do escritório.

— Vai ser dos quentes! — gritou nosso estribeiro, Robert, da entrada do celeiro, onde via dois cavaleiros tentarem montar um dos cavalos que meu pai comprara num leilão na semana anterior.

— É... — grunhi. Esse era outro problema: embora eu ansiasse por alguém com quem conversar, nunca ficava satisfeito quando aparecia alguém disposto. O que eu queria desesperadamente era conhecer alguém capaz de me entender, de discutir coisas reais, como os livros e a vida, e não só o clima. Robert era gentil e um dos conselheiros de maior confiança do meu pai, mas era tão ruidoso e impertinente que até uma conversa de dez minutos podia me deixar exausto.

— Soube da última? — perguntou Robert, abandonando o cavalo para andar comigo. Eu reclamei por dentro, mas fiz que não com a cabeça.

— Não tenho lido os jornais... O que o general Groom anda fazendo? — perguntei, embora a conversa sobre a guerra sempre me deixasse ansioso.

Robert protegeu os olhos do sol enquanto balançava a cabeça.

— Não, não falo da guerra. São os ataques aos animais. Os Griffin perderam cinco frangos, todos com marcas no pescoço.

Congelei, de repente os pelos da nuca se arrepiando. Durante todo o verão, surgiram relatos de ataques estranhos a animais nas fazendas vizinhas. Em geral, os animais eram pequenos, principalmente galinhas e gansos, mas nas duas últimas semanas alguém — provavelmente Robert, depois de quatro ou cinco doses de uísque — espalhou o boato de que os ataques eram obra do demônio. Eu não acreditava nisso, mas era mais um lembrete de que o mundo não era aquele no qual fui criado. Tudo mudava, independentemente de mim.

— Podem ter sido mortos por um cachorro — disse a Robert com um gesto impaciente, reproduzindo as palavras que entendeu meu pai dizendo ao próprio Robert na semana passada. Uma brisa ganhou força, levando os cavalos a baterem os cascos, nervosos.

— Bem, então espero que um desses cachorros não o encontre enquanto estiver cavalgando sozinho, como faz todos os dias. — Depois desse comentário, Robert partiu para o pasto.

Entreí no estábulo escuro e frio e o ritmo constante da respiração e dos bufos dos cavalos me relaxou imediatamente. Peguei a escova de Mezzanotte na parede e comecei a pentear seu pelo macio e preto como carvão. Ela relinchou, satisfeita.

Nesse momento, a porta do estábulo se abriu em uma fresta e vi meu pai entrar. Ele era alto e transmitia tanta força e presença que intimidava facilmente aqueles que atravessavam seu caminho. Seu rosto era marcado por rugas que apenas aumentavam sua autoridade, e ele usava um traje formal, apesar do calor.

— Stefan? — chamou ele, examinando as baias. Embora morasse em Veritas havia anos, certamente entrou no estábulo poucas vezes, preferindo que seus cavalos fossem preparados e levados até ele.

Abaixei-me na baia de Mezzanotte.

Meu pai foi até o fundo do estábulo. Seus olhos me encontraram rapidamente e, de repente, fiquei constrangido por ele me ver imundo de suor e de terra.

— Temos cavaliários por um motivo, filho.

— Eu sei — respondi, com a impressão de que o decepcionara.

— Há momentos e lugares para se divertir, mas chega a hora de um garoto parar de brincar e se tornar homem. — Meu pai bateu com força nos flancos de Mezzanotte. Ela bufou e recuou um passo.

Trinqueei o queixo, esperando que ele me falasse sobre ter se mudado da Itália para a Virgínia quando tinha a minha idade, trazendo apenas as roupas do corpo; sobre ele ter lutado e negociado para transformar um terreno mínimo, de meio hectare, no que agora eram os 100 hectares da Veritas; sobre ele ter escolhido esse nome porque *veritas* significa *verdade*, em latim, pois aprendeu que desde que procurasse pela verdade e combatesse a fraude, um homem não precisaria de mais nada na vida.

Meu pai se encostou na entrada da baía.

— Rosalyn Cartwright acaba de fazer 16 anos... Ela procura um marido.

— Rosalyn Cartwright? — Quando tínhamos 12 anos, Rosalyn partiu para uma escola nos arredores de Richmond e eu não a via desde então. Era uma menina tímida, de cabelos e olhos castanhos; em todas as lembranças que eu tinha, ela estava de vestido marrom. Nunca foi alegre e risonha, como Clementine Haverford; ou sedutora e exuberante, como Amelia Hawke; ou mesmo espirituosa e maliciosa, como Sarah Brennan. Era simplesmente uma sombra ao fundo, satisfeita em nos seguir durante nossas aventuras infantis, sem jamais as liderar.

— Sim, Rosalyn Cartwright. — Meu pai me abriu um dos seus raros sorrisos, com os cantos da boca virados levemente para cima; qualquer um pensaria que ele estava debochando, mas eu o conhecia muito bem. — O pai dela e eu estivemos conversando, e nos parece a união ideal. Ela sempre gostou muito de você, Stefan.

— Não sei se Rosalyn Cartwright e eu combinamos... — murmurei, sentindo-me oprimido pelas paredes frias do estábulo ao meu redor. É *claro* que meu pai e o Sr. Cartwright estiveram conversando. O Sr. Cartwright era dono do banco da cidade e, se meu pai fizesse uma aliança com ele, seria fácil expandir ainda mais Veritas. E se eles estiveram conversando, eu poderia dar como certo que Rosalyn e eu já éramos marido e mulher.

— Claro que você não sabe, rapaz! — disse meu pai, gargalhando e dando um tapa nas minhas costas. Seu humor era extraordinariamente bom; o meu, porém, afundava cada vez mais, a cada palavra. Fechei os olhos, na esperança de que tudo isso fosse um pesadelo. — Nenhum rapaz da sua idade sabe o que é bom para ele! Por isso precisa confiar em mim. Darei um jantar na semana que vem para comemorar o compromisso e, enquanto isso, faça-lhe uma visita. Conheça-a, elogie a menina, deixe que

ela se apaixonou por você. — Terminando de falar, ele apertou minha mão, entregando-me uma caixa.

E quanto a mim? E se eu não quiser que ela se apaixonou por mim?, tive vontade de dizer, mas não disse. Em vez disso, coloquei a caixa no bolso, sem olhar seu conteúdo, e voltei a cuidar de Mezzanotte, escovando-a com tanta força que ela bufou e recuou, indignada.

— Fico feliz com essa conversa, filho — disse meu pai. Esperei que ele percebesse que eu mal dissera uma palavra e que era absurdo pedir que eu me casasse com uma menina com quem não falava havia anos.

— Pai? — chamei, cheio de esperança, incitando-o a falar algo, a me libertar do destino que preparou para mim.

— Creio que outubro será ótimo para um casamento — disse meu pai, deixando a porta bater atrás dele.

Lágrimas de raiva arderam nos meus olhos. Pensei na nossa infância, quando Rosalyn e eu éramos pressionados a nos sentar juntos nos churrascos aos sábados e nos eventos da igreja. A socialização forçada, porém, simplesmente não deu certo e Rosalyn e eu seguimos caminhos distintos assim que tivemos idade suficiente para escolher quem queríamos ao nosso lado. Nossa relação seria como dez anos atrás, e nos ignoraríamos mutuamente para deixar nossos pais devidamente felizes. A diferença, percebi melancolicamente, é que dessa vez estaríamos unidos para sempre.